



Arte contemporânea de Vik Muniz: fotografia, lixo e inclusão Social¹

Ana Flávia Gondim LYRA²

Maria Erineide da Silva AMARAL³

Maria Beatriz COLUCCI⁴

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

RESUMO

Esta pesquisa analisa a obra do artista plástico Vik Muniz, tendo como referência principal o trabalho *Lixo extraordinário*, feito com catadores de material reciclado do aterro sanitário de Jardim Gramacho (RJ), de forma a compreender os conceitos e processos artísticos envolvidos na construção da obra. Para isso, procedeu-se à revisão de literatura buscando estabelecer as bases conceituais do projeto, analisando as relações entre a arte e a fotografia na contemporaneidade, bem como discutindo as principais concepções relacionadas à função social da arte. Buscou-se, também, caracterizar, de forma preliminar, o artista Vik Muniz e sua trajetória artística, de forma a orientar a análise do objeto de estudo, a ser feita posteriormente.

PALAVRAS-CHAVE

Vik Muniz; Arte Contemporânea; Fotografia; Inclusão Social.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta a pesquisa feita até o momento no projeto *Arte contemporânea de Vik Muniz: fotografia, lixo e inclusão Social*, que analisa a obra do artista plástico Vik Muniz, tendo como referência principal o trabalho *Lixo extraordinário*, de forma a compreender os conceitos e processos artísticos envolvidos na construção da obra, discutindo o papel da fotografia na arte contemporânea, bem como a função social da arte.

A relevância da pesquisa, incluída no Programa Especial de Inclusão em Iniciação Científica (PIIC), da Universidade Federal de Sergipe (UFS), baseia-se na

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Júnior, II-04 - Comunicação Audiovisual, no XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 14 a 16 de junho de 2012.

² Estudante de Graduação do 5º semestre do Curso de Artes Visuais da UFS. Email: anaglyra@gmail.com

³ Estudante de Graduação do 5º semestre do Curso de Artes Visuais da UFS. Email: erineide-amaral@hotmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora adjunta do Departamento de Comunicação Social da UFS. Email: biacolucci@gmail.com



compreensão do debate teórico sobre a arte contemporânea, e particularmente a fotografia, que vive um momento de expansão no qual o trabalho do artista Vik Muniz se insere. O artista realiza experiências que questionam as formas tradicionais de construção imagética, colocando a fotografia como matriz, suporte intermediário e resultado final da obra, manifestando novas estéticas, além de vínculos culturais e sociais dando o entendimento do artista sobre a função social da arte. Nesse sentido, é importante pensar as especificidades das imagens construídas e suas relações com as tecnologias digitais, as mídias e o contexto histórico-social, de maneira a possibilitar alargar a compreensão deste momento da arte contemporânea brasileira.

Após o levantamento bibliográfico, a equipe do projeto iniciou a revisão de literatura, buscando pesquisar os principais referenciais teóricos que pudessem direcionar a análise do objeto de estudo. Dentre os principais autores estudados, no campo da história da arte e da fotografia, destacam-se André Rouillé, Alexandre Santos e Maria Ivone dos Santos, Nelson Martins e Antônio Luís Marques Tavares.

Tais conteúdos foram organizados no presente artigo, que buscou explicitar as discussões sobre as relações de proximidade entre fotografia e arte, especificamente na contemporaneidade, bem como os conceitos e as definições consideradas significativas ao entendimento da função social da arte. Também foi preciso contextualizar a obra do artista plástico Vik Muniz, a partir de referenciais da história da arte e da crítica especializada, que possibilitou discorrer sobre sua trajetória profissional, destacando seus principais trabalhos que contribuirão para fundamentar a análise que será feita do objeto de estudo.

2 FOTOGRAFIA E ARTE CONTEMPORÂNEA

Pode-se dizer que as relações entre fotografia e arte existem desde a invenção da fotografia e mesmo antes desta oficialmente surgir no cenário das artes visuais e mudar completamente seus rumos, em meados do século XIX. O aparecimento da fotografia veio consolidar uma busca por um ideal de imagem objetiva que acompanhou os artistas desde o período do Renascimento, bem como sintetizar uma série de inventos e descobertas de diferentes épocas – desde a antiguidade – e diferentes campos do conhecimento científico, passando pela matemática (geometria), física (ótica) e química (fotossensibilidade).



A busca de uma imagem objetiva veio aliar-se, assim, às tentativas de aperfeiçoamento dos métodos de impressão, um dos principais fatores que desencadearam os aperfeiçoamentos técnicos que resultaram na fotografia, vista, desta forma, como uma invenção coletiva:

É possível observar pelos registros históricos que, mais ou menos ao mesmo tempo e em diferentes lugares, estudiosos trabalharam isoladamente concebendo soluções para juntar numa só máquina os conhecimentos de duas áreas do saber: a óptica e a química. Procuravam, enfim, criar um mecanismo que reproduzisse a realidade e registrasse a sua imagem. Esses pesquisadores mal podiam imaginar os benefícios que tal mecanismo traria para todas as ciências e artes (SENAC, 2002, p.158).

Na primeira metade do século XIX, os avanços tecnológicos, portanto, criaram espaços para a introdução de novas pesquisas, permitindo que Nicéphore Niépce e Louis Jacques Mandé Daguerre, na França, e William Henry Fox Talbot, na Inglaterra, desenvolvessem estudos que buscavam reter a imagem dos objetos nos materiais fotossensíveis, dentro da câmara escura. O conceito de câmara escura, do latim *câmera obscura*, um dos mais importantes no campo da óptica, é crucial para o aparecimento da máquina fotográfica e da fotografia, e foi descrito por autores do século XVI, quando artistas como Leonardo da Vinci já a conheciam e usavam, para esboços de pinturas. (TAVARES, 2009)

Conforme Martins, até o surgimento da fotografia, cabia principalmente aos pintores a missão de reproduzir a realidade, porém: “Diante dos surpreendentes resultados conseguidos pelas novas tecnologias de captação de imagens (...), a pintura se libertou e tomou outras direções, dando origem a vários movimentos e correntes de vanguarda que desaguaram no modernismo”. (MARTINS, 2010, p. 42)

Para Ronaldo Entler, essa realidade muda significativamente somente a partir dos anos 1960, quando os artistas param de se preocupar em nomear o que fazem, para usar diferentes suportes como expressão artística.

Assim, a fotografia atravessou as experiências dos artistas dessa geração de várias formas. Em alguns casos, ela cumpriu apenas o papel de registrar obras que eram efêmeras ou inacessíveis, como é o caso das performances ou da land art. Parece pouco, mas já esboça aqui uma questão importante que será largamente explorada nas décadas seguintes: a fotografia é um modo de existir das coisas, com grande capacidade de trânsito e em profundo diálogo com o olhar do público que, por sua vez, aprendeu a relacionar-se com o mundo através de sua mediação. A idéia de certas realidades se constrói



juntamente com suas formas de representação é um problema-chave da fotografia contemporânea. (ENTLER, 2009)

Isso não quer dizer que as relações entre fotografia e arte já não estivessem estabelecidas desde muito antes, conforme se pode observar nas obras dos movimentos artísticos do modernismo. Na França, Picasso e Braque com o Cubismo e Mondrian com o Neoplasticismo foram os que mais influenciaram os caminhos da fotografia artística nas primeiras décadas do século XX. Se naquele país foram estes os pintores que deram o incentivo para a “nova fotografia”, na Itália essa tarefa coube aos Futuristas, fazendo com que os fotógrafos dessem movimento às suas criações. (TAVARES, 2009)

Já por toda a Europa o Dadaísmo e o Surrealismo com as suas montagens, e suas performances, provocaram profundas e vincadas transformações no campo da fotografia. O contágio era inevitável e cronologicamente a fotografia artística das primeiras décadas da centúria passada fica marcada pela incursão no campo do documentário social. (TAVARES, 2009)

Segundo Entler, a fotografia contemporânea se define pelo diálogo com a arte contemporânea:

É difícil explicar o que é a fotografia contemporânea. Mas o adjetivo “contemporâneo” não poderia ser mais problemático. Primeiro, aponta para uma fotografia que se define pelo diálogo com a arte contemporânea, Segundo, tenta dar conta de um processo que está em construção e que, no entanto, já possui uma história. Terceiro, torna absoluto um conceito que deveria se referir ao presente de qualquer momento. (ENTLER, 2009)

Na contemporaneidade, precisamos pensar a fotografia como conceitual, o que vai nos permitir olhar para a própria história de modo transgressor. “Poderíamos, por exemplo, ver quanto outras manifestações artísticas podem ser pensadas com base na fotografia.” (ENTLER, 2009). Susan Sontag já tinha dito que não é a fotografia que é arte, mas que a própria arte se tornou, a partir de dado momento, fotográfica. (SONTAG, 2004)

Pode-se dizer, então, que compreender a arte contemporânea e, da mesma forma, a fotografia contemporânea, é, sem dúvida, um enorme desafio. Conforme André Rouillé (2009), a aliança entre arte e fotografia, almejada desde as vanguardas do modernismo, e que provoca profundas mudanças no interior da arte, ocorre nos anos 1980, com a adoção da fotografia como matéria, às vezes até exclusiva, da obra de arte.



Para Rouillé, foi precisamente na Bienal de Veneza de 1980, num movimento de brusco retorno à figuração, que se consolida a fusão arte-fotografia. Nesse momento, a fotografia perde seu status de “ferramenta” e ganha o de “material” da arte contemporânea, revelando um certo esgotamento da pintura tal como defendida pelos modernistas (ROUILLÉ, 2009, p.21-22)

Sendo suprimido o duplo ferrolho modernista – da pureza e da abstração –, a fotografia pode, enquanto matéria e mimese, isto é, enquanto material mimético, adquirir a legitimidade artística que até então lhe era recusada. A partir daí, torna-se possível sua plena integração nas práticas artísticas. Ela será bastante rápida e importante para contestar a hegemonia modernista do fazer autoral (a mão na obra), e para implicar a arte-fotografia na ampla corrente, que marca todo o século XX, de dessubjetivação e desmaterialização da arte [...] (ROUILLÉ, 2009, p.22)

3 A FUNÇÃO SOCIAL DA ARTE

Segundo Alonso, a arte não é um conceito com uma definição abstrata, lógica ou teórica, mas sim pelas atribuições feitas por instrumentos de nossa cultura, dando certa dignidade aos objetos sobre os quais ela recai (ALONSO, 2011).

Assim como a religião, a ciência e a filosofia, a arte também é considerada uma forma de conhecimento humano, auxiliando o homem a conhecer seus mais elevados ideais, como também auxiliando no exercício da virtude. Para Kamitani, a virtude é considerada o mais alto patamar, elevando a própria redenção do ser humano, afastando o homem, definitivamente de uma vida medíocre e vazia (KAMITANI, 2011).

Conforme Fischer:

A arte pode elevar o homem de um estado de fragmentação a um estado de ser íntegro, total. A arte capacita o homem para compreender a realidade e o ajuda não só a suportá-la como a transformá-la, aumentando-lhe a determinação de torná-la mais humana e mais hospitaleira para a humanidade. A arte é uma realidade social. A sociedade precisa do artista, este supremo feiticeiro, e tem o direito de pedir-lhe que ele seja consciente de sua função social. Mesmo o mais subjetivo dos artistas trabalha em favor da sociedade. Pelo simples fato de descrever sentimentos, relações e condições que não haviam sido descritos anteriormente [...], representa um impulso na direção de uma nova comunidade cheia de diferenças e tensões, na qual a voz individual não se perde em uma vasta unissonância (FISCHER, p. 56-57).



À medida que a arte se transforma ela vai nos mostrando a sua função social, nos trazendo o conhecimento do mundo, não abstrato, mas afetivo e real. O artista começa a percepção do mundo, criando assim formas sensíveis para interpretá-lo (ROSA, 2011).

O fato de possuir a arte um mundo com novos significados para o homem, significados afastados do real, faz com que o homem na procura de um mundo mais justo e mais compreensível fique perto dela. O homem quer ser mais do que apenas ele mesmo. Quer ser um homem total, ansiando uma “plenitude” de vida que lhe é burlada pela individualidade, com todas as suas limitações. O homem anseia por absorver o mundo que o circunda, quer integrá-lo a si, quer unir na arte o seu “Eu” limitado, com uma existência humana coletiva e por tornar *social* a sua individualidade (ALONSO, 2011).

Segundo Kamitami, é por meio da pintura, da literatura, do cinema, do teatro, das artes plásticas, que a arte se mostra como sendo de fundamental importância para formação do senso crítico, moldando a moral de uma época, provocando e instigando ao questionamento sobre a condição humana. “A interação com a arte se dá necessariamente pelos sentidos, mas o efeito provocado não se restringe ao que empiricamente se verifica, uma vez que há diálogo com as experiências e habilidades cognitivas do indivíduo.” (KAMITANI, 2011). Para este autor, a compreensão, a resposta do indivíduo se dá pela interação entre indivíduo e obra de arte, podendo assim verificar a verdadeira capacidade da obra ressoar no universo cultural. Mesmo que o indivíduo não compreenda, ele reage à arte, mesmo que com desdém. A obra, porém, mesmo que não suscite admiração, fornece ao indivíduo mais um parâmetro para suas vivências.

A arte é meio indispensável para a união do indivíduo como um todo, refletindo a infinita capacidade humana para a associação, a circulação de experiências e idéias. Quando o homem produz uma obra de arte faz de uma maneira altamente consciente e racional e não de modo embriagante ou afastado da realidade (ALONSO, 2011).

Aproximando-se da cultura popular, o artista servirá de mediador entre o objeto bruto e a representação, entre o que observamos e sentimos, com nossos sentidos e o pensamento. As imagens nos fazem pensar e tornar o mundo repleto de significados, aumentando a sua complexidade. Por meio das obras, os artistas atribuem significados ao mundo real, sendo assim lidas e compreendidas pelos espectadores. A depender da época em que foram produzidas, as obras terão significados e valores diferentes da atual. Mesmo que os artistas busquem temas idênticos, o tratamento dado é



diferenciado, pois é transformado e representado de acordo com sua leitura e linguagem (ROSA, 2011).

Alguns valores, tal como o conceito de beleza, coragem, honestidade, entre outros, formam-se por meio do artesanato, que, em sintonia com o tempo e o meio, produz a arte. Existem artes de qualidades, e os artistas verdadeiros conseguem passar seu recado à alma de seu público. Há arte e entretenimento, a arte buscando seus ideais mais elevados, e o entretenimento buscando afastar o tédio e apressando a passagem das horas, podendo ressaltar que a arte também pode ser uma obra de entretenimento (KAMITANI, 2011).

Não é fazendo magia que a função essencial da arte para uma classe destinada a transformar o mundo se caracteriza, e sim esclarecendo e incitando à ação, não podendo deixar de lado que um resíduo mágico na arte se faça presente, não devendo ser inteiramente eliminado, pois sem o mesmo, que surge da sua natureza original a arte deixa de ser arte. É necessário que a arte se faça presente no homem, para que este se torne capaz de conhecer e mudar o mundo. Sendo igualmente necessária em virtude da magia que lhe é inerente (ALONSO, 2011).

A produção do artista é refletida por meio das condições e abrangência dada pela cor, volume, espaço, peso e luz que lhe permitem essa elaboração. De qualquer forma, o "artista cria o que poderia ser". O projeto do artista se dá pela composição e linguagem passada pelo meio, o suporte, as técnicas e estilos utilizados pelo mesmo. O artista cria, então, obras de arte que são símbolos, atribuindo significados a fatos, imagens, formas - as quais muitas vezes, são inspirados na cultura popular (ROSA, 2011).

No âmbito social, a arte cumpre no mínimo duas funções: incentiva o indivíduo ao aperfeiçoamento e a virtude, promovendo uma sociedade melhor e demonstrando a sociedade sua essência. Quanto mais informação, melhor a decisão, e esse autoconhecimento social é fundamental para promover um desenvolvimento de acordo com as características e peculiaridades de um dado grupo. Assim, assegurando a liberdade da expressão, promovendo o pleno desenvolvimento das manifestações artísticas, tornando-a rentável economicamente sem concessões no conteúdo e facilitando o acesso aos vários tipos de obra são de vital importância para a evolução da sociedade como um todo. A arte nos auxilia a entender o grande vazio da existência; torná-lo livre de seus instintos e condicioná-los à sua razão, mostrando assim a grande diferença entre as pessoas e os animais irracionais (KAMITANI, 2011).

Conforme Gullar: “A arte não tem uma única função, mas, basicamente ela faz parte da construção do mundo imaginário de que o homem necessita pra viver, pra existir, pra construir a sua vida” (GULLAR, 2011).

4 SOBRE VIK MUNIZ

Vicente José de Oliveira Muniz, mais conhecido como Vik Muniz, nascido em São Paulo em 1961, fotógrafo, desenhista, pintor e gravador, cursou publicidade na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP). Em 1983, passou a viver e trabalhar em Nova York. Desde o ano de 1988 realiza uma série de trabalhos nas quais investiga, principalmente, temas relativos à memória, à percepção e à representação de imagens do mundo das artes e dos meios de comunicação. Usa diversas técnicas, tais como, materiais inusitados como açúcar, chocolate líquido, doce de leite, catchup, gel para cabelo, lixo e poeira e as emprega em suas obras. Em 1988, realiza a série de desenhos *The best of life*, na qual reproduz de memória, uma parte das famosas fotografias veiculadas pela revista americana Life (ESCRITÓRIO DE ARTE, s.d.)



Figura 01 – Série After Wahrol: Monalisa em creme de amendoim e geléia
Fonte: <http://www.revistafotografia.com.br/vik-muniz/>

Quando é convidado para exposição, o artista fotografa seus modelos e dá às fotografias um tratamento de impressão em periódico, dando aparência real às imagens originárias de sua memória. Com essa operação inaugura sua abordagem das questões envolvidas na circulação e retenção de imagens. Nas séries seguintes, que recebem, em geral, o nome do material utilizado - Imagens de Arame, Imagens de Terra, Imagens de Chocolate, Crianças de Açúcar etc. –, passa a empregar os elementos para recriar



figuras referentes ao universo da história da arte como do cotidiano. Seu processo de trabalho consiste em compor as imagens com os materiais, normalmente instáveis e perecíveis, sobre uma superfície e depois fotografar. O produto final do trabalho são séries de fotografias em edições limitadas. Sua obra também se estende para outras experiências artísticas como a *earthwork* e as questões envolvidas no registro dessas criações. (ESCRITÓRIO DE ARTE, s.d.)



Figura 02 – Série Imagens de Diamante: Catherine Deneuve (2003)
Fonte: <http://www.bolsadearte.com/cotacoes/vik.htm>

Vik Muniz, 50, é um artista plástico, fotógrafo e desenhista brasileiro muito conhecido no exterior, onde vive desde os 23 anos. Começou a trabalhar com arte fazendo esculturas e depois incorporou a fotografia em seus trabalhos, sempre registrando suas obras. “Comprei minha primeira câmera apenas aos 27 anos”, conta. Boa parte delas são desenhos criados com materiais diversos como arame, açúcar, chocolate, doce de leite, catchup, poeira e sucata. ‘Não é bem o material ou o tema, o inusitado é como essas coisas se relacionam’. O retrato de Monalisa em pasta de amendoim e geléia, Elizabeth Taylor desenhada com diamantes e o Frankenstein em caviar são obras da série ‘The best of life’ (FIGUEIREDO, 2010)

Reconhecido internacionalmente, Vik Muniz se destaca também pela reflexão teórica que desenvolve sobre a fotografia, como meio e suporte de seus trabalhos. Ele já declarou que demorou muitos anos para “fazer sucesso da noite para o dia”: iniciou a carreira na década de 1970, mudou-se para Nova York em 1983 – após levar um tiro acidental –, mas somente em 1995 atraiu a atenção da mídia, com a série *Crianças de Açúcar*. Hoje suas fotografias integram os acervos dos mais importantes museus do mundo, e sua última retrospectiva no Brasil – no MAM-RJ e no MASP, em 2009 -



recebeu mais de 100 mil visitantes. São imagens que, construídas com materiais “pobres” e inusitados – chocolate, brinquedos, sucata, poeira – promove uma revisão constante da História da Arte, de Dürer a Andy Warhol, provocando um estranhamento capaz de agradar aos mais diferentes olhares. (TRIGO, 2010).



Figura 03 – Série Crianças de Açúcar: Valentina (1996)
Fonte: <http://esporos.wordpress.com/2009/05/25/vik-muniz/>



Figura 04 – Série Lixo Extraordinário: (2009)
Fonte: <http://www.colheradacultural.com.br/content/20110126010127.000.6-N.php>



Figura 05 – Série Lixo Extraordinário: montagem e imagem final (2009)
Fonte: <http://suensaio.blogspot.com/2011/02/lixo-extraordinario.html>

Desde a sua mudança para Nova Iorque, Vik Muniz desenvolveu uma obra que tem como objetivo “reanimar o aturdimento visual e crítico do espectador, dirigindo a sua atenção para os mecanismos técnicos e conceptuais que estão por detrás da produção, construção e reprodução de imagens”. Para isso, o artista concentrou-se em dois elementos-chave:

[...] o reconhecimento, mediante a utilização de imagens familiares que o espectador possa identificar instantaneamente, e a inovação ou surpresa, reconstruindo essas imagens com o uso de materiais e técnicas que normalmente não se associam à produção artística, mas a outras percepções emocionais e sensoriais. Empregando a fotografia apenas como um meio para sintetizar uma complexa seleção de idéias inter-relacionadas, considerações técnicas e inquietudes intelectuais, Muniz reuniu, às vezes numa só imagem, temas que questionam a complexidade da percepção visual, desde a história de arte, as técnicas criativas e documentação, a assuntos mais sociais e políticos (INFOPEDIA, s.d.)

Fotografias reproduzidas com açúcar ou com restos de lixo, ou uma Santa Ceia recriada com chocolate líquido demonstram alto teor de criatividade. Na série elaborada com chocolate líquido, por exemplo, “sabe-se que Vik reconstruiu essas imagens através de um conta-gotas, com uma infinita dose de paciência, e esse procedimento continuou ao fotografar rapidamente a imagem fixada em Cibachrome” (INFOPEDIA, s.d.).



5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se dizer que as relações entre fotografia e arte existem desde a invenção da fotografia, e especificamente em relação à pintura, o surgimento da fotografia provocou reações extremadas, tendo mudado o curso da história da arte. Conforme dito, a partir da fotografia, que oferecia imagens de grande fidelidade ao real, a pintura se libertou da obsessão pela semelhança, o que deu origem aos vários movimentos da arte moderna. Na arte contemporânea esta relação se estreitou e a fotografia, antes somente uma ferramenta de trabalho, vira material principal, vetor de trabalhos artísticos que mesclam diferentes materiais e suportes.

Na discussão sobre a função social da arte, ficou claro, a partir de Alonso, que, por não ser um conceito com uma definição abstrata, lógica ou teórica, mas cultural, a arte se transforma com o passar dos tempos e vai nos mostrando a sua função social, nos trazendo o conhecimento afetivo e real do mundo. A arte é, assim, meio indispensável para a união do indivíduo com o mundo, refletindo a capacidade humana para a circulação de experiências e idéias.

Sobre o artista Vik Muniz e suas obras, pôde-se perceber sua vinculação com a forma de produção da arte contemporânea, bem como o seu trabalho possui hoje grande repercussão internacional. Pretende-se mais adiante, com o desenvolvimento da pesquisa, relacionar sua forma de trabalho aos conceitos aqui desenvolvidos sobre a função social da arte, visto que na obra em questão – *Lixo Extraordinário*, o artista cria e promove a inclusão social.

Ressalte-se que os procedimentos metodológicos adotados até o momento consistiram de uma investigação do quadro conceitual, a partir da pesquisa bibliográfica e documental. Foram catalogados documentos, entre projetos, pesquisas, artigos científicos e críticas especializadas, em periódicos especializados e sites da internet. O levantamento bibliográfico sobre o tema buscou conhecimento aprofundado sobre toda discussão já feita em torno do assunto, de maneira a se informar sobre o que os autores analisam e como respondem aos questionamentos levantados pelo projeto. Isso foi relevante para definir os principais referenciais teóricos e delinear a estruturação da pesquisa, orientando o desenvolvimento do trabalho científico.

A pesquisa sobre a história da arte e da fotografia possibilitou compreender o percurso feito pela arte contemporânea até a incorporação das tecnologias digitais,



contribuindo para estabelecer posteriormente as categorias de análise que vão orientar o estudo do objeto. O levantamento, bem como a contextualização, das obras artísticas do artista pesquisado foram trabalhos iniciados, e a coleta de dados referentes especificamente ao objeto de estudo – a obra *Lixo extraordinário* – será feita a seguir, em sites da internet e em periódicos especializados.

REFERÊNCIAS

- ALONSO L. A. **A função social da arte**. 2011. Disponível em:
<<http://ocoteatrolaboratorio.arteblog.com.br/29723/A-Funcao-Social-da-Arte/>>. Acesso em 29/11/2011.
- ENTLER, Ronaldo. “Um lugar chamado fotografia: uma postura chamada contemporânea”. In: _____. **A invenção de um mundo**. São Paulo: Itáu Cultural, 2009. Disponível em:
<<http://www.phedigital.com/anteriores/html/phe.../descarga.php?nombre>>. Acesso em 23/12/11.
- ESCRITÓRIO DE ARTE. **Vik Muniz**. São Paulo. Disponível em:
<<http://www.escrioriodearte.com/home.asp>>. Acesso em 15/11/2011.
- FIGUEIREDO Suelen. **Vik Muniz**. Revista Fotografia, 2010. Disponível em:
<<http://www.revistafotografia.com.br/vik-muniz/>>. Acesso em 02/12/2011.
- FISCHER E. **A necessidade da arte**. 9. Ed. Rio de Janeiro, 1987.
- GULLAR F. **A função social da arte**. Disponível em:
<<http://www.gilsoncamargo.com.br/blog/?p=3384>>. Acesso em 29/11/2011.
- INFOPIEDIA. **Vik Muniz**. In: Enciclopédia e Dicionários Porto Editora. Portugal: Porto Editora, 2009. Disponível em: <[http://www.infopedia.pt/\\$vik-muniz](http://www.infopedia.pt/$vik-muniz)>. Acesso: 27/11/11.
- KAMITANI E. L. T. **A função social da arte**. Disponível em:
<<http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=10649&cat=Ensaios>>. Acesso em 29/11/2011
- MARTINS, Nelson. **Fotografia: da analógica à digital**, São Paulo: SENAC Nacional, 2010.
- ROSA N. S. S. **Arte e raízes: tradição e atualidade da cultura popular**. 2011. Disponível em:
<http://caracol.imaginario.com/paragrafo_aberto/nsr_raizes.html>. Acesso em 29/11/2011.
- ROUILLE, André. **Fotografia: entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: SENAC, 2009.
- SANTOS, Alexandre; SANTOS, Maria Ivone dos. **A fotografia nos processos artísticos contemporâneos**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.
- SENAC. DN. **Fotógrafo: o olhar, a técnica e o trabalho**. /Rose Zuanetti, Elizabeth Real, Nelson Martins et al. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2002.



SONTAG, Susan. **Sobre a fotografia.** São Paulo: Cia das Letras, 2004.

TAVARES, A.L.M. **A história da fotografia.** 2009. Disponível em: Acesso em 26/11/11.

TRIGO L. **A fotografia na era das imagens manipuladas.** In: Máquina de escrever, G1, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://g1.globo.com/platb/maquinadeescrever/2010/06/21/840/>>. Acesso em 02/12/2011.